

A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre

CDD. 20.ed. 158.7

Joarez SANTINI*
Vicente MOLINA NETO**

* Universidade Luterana
do Brasil.
** Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Resumo

O objetivo deste artigo é a compreensão da Síndrome do Esgotamento Profissional em professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA). A revisão bibliográfica possibilitou unificar a expressão do fenômeno como "Síndrome do Esgotamento Profissional" (SEP). O problema central da investigação traduz-se na seguinte questão: De que modo os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA) "abandonam" o trabalho docente, e que elementos são mais significativos nesse processo? Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e envolve 15 professores de Educação Física da Rede Municipal de Porto Alegre (RMEPOA) os quais, entre janeiro de 2000 a julho de 2002, entraram em licença médica por motivos de estresse, ansiedade e depressão. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, registros em um diário de campo e análise de documentos. O trabalho docente revelou-se para esses professores como uma prática profissional marcada por sentimentos negativos que comprometem a qualidade do trabalho, acumulando, com o passar do tempo, reações físicas e emocionais. Para a maioria dos professores colaboradores, essas vivências subjetivas de desgaste físico e emocional acumuladas no trabalho traduziram-se em sentimentos depressivos e em fadiga crônica, compondo um estado anímico denominado Síndrome do Esgotamento Profissional.

UNITERMOS: Trabalho docente; Síndrome do Esgotamento Profissional; Professores de Educação Física.

Introdução

Muitas vezes, quando se observa a aula de Educação Física no pátio de uma escola, e vê-se os alunos jogando bola e o professor ao lado, costuma-se, de modo precipitado, dizer: lá está um "professor-bola", um professor que não quer mais nada com nada. Contudo, esse fato pode estar refletindo um processo, uma situação dramática que enfrentam muitos professores de Educação Física: a Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP).

Embora os professores de Educação Física se sintam realizados e recompensados pela função social de sua atividade, parece existir um outro profissional do ensino que remete à figura do professor cansado, desiludido com a profissão, sem vontade de ensinar, implicando, assim, baixo nível de qualidade de ensino. Por sentir-se frustrado e esgotado, o

professor encontra-se "internamente" incapaz de estabelecer melhores relações com seus alunos.

O presente artigo, resultado de uma investigação de nove meses de trabalho de campo, enseja, portanto, compreender de que modo os professores de Educação Física "abandonam" o trabalho docente comprometido com a qualidade do ensino e constroem estratégias de sobrevivência no ambiente escolar

A Síndrome do Esgotamento Profissional

A partir da década de 1970, surgem os primeiros estudos sobre a Síndrome do Esgotamento Profissional, por exemplo, o de FREUDENBERGER (1974),

que a caracteriza como um sentimento crônico de desânimo, de apatia, de despersonalização que atinge o trabalhador. Para o autor, essa síndrome afeta principalmente os trabalhadores encarregados de cuidar, ou seja, pessoas que trabalham em contato direto com outras, entre os quais os médicos, os assistentes sociais, os psicólogos, os enfermeiros e os professores.

Esse fenômeno, no idioma anglo-saxão é definido e estudado como “Burnout”, e no âmbito dos idiomas latinos é definido através do descritor “Mal Estar Docente”. Nesse estudo, esses descritores foram traduzidos para o português como Síndrome do Esgotamento Profissional. Essa opção ocorreu face ao dispositivo do Ministério da Previdência Social brasileiro (Anexo 1 da Portaria 1339 de 18/11/1999 - BRASIL, 1999) que utiliza a expressão Síndrome do Esgotamento Profissional com o mesmo significado de Síndrome de Burnout.

O médico e psicanalista FREUDENBERGER (1974), que teve uma vida profissional permeada de frustrações e dificuldades que o levaram à exaustão física e mental, foi o primeiro investigador a descrever a Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP). A presença dessa síndrome entre professores foi registrada em 1979, mediante um estudo descritivo que envolveu esse coletivo de trabalhadores (McGuire citado por CARLOTTO, 2001). Na descrição de FREUDENBERGER (1974), o trabalhador experimenta um sentimento de fracasso e exaustão, causado por excessivo desgaste de energia, derivando em comportamentos de fadiga, irritabilidade, depressão, aborrecimento, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade.

Embora não exista uma definição unânime sobre a SEP, há certo consenso entre os pesquisadores desse fenômeno de que a mais utilizada e aceita é fundamentada na perspectiva social-psicológica elaborada por MASLACH e JACKSON (1981). Estes pesquisadores consideram a SEP uma reação à tensão emocional crônica caracterizada pelo esgotamento físico e/ou psicológico, por uma atitude fria e despersonalizada em relação às pessoas e um sentimento de inadequação em relação às tarefas a serem realizadas.

Focalizando a questão nos professores, REMOR (2002) considera a SEP como um estresse crônico produzido pelo contato com a demanda escolar, a qual leva a uma extenuação e a um distanciamento emocional do professor com os alunos. Sendo assim, é possível supor que a SEP emerge da discrepância entre os ideais individuais do professor e a realidade da vida ocupacional diária nas escolas.

Seguindo os ensinamentos de MASLACH e JACKSON (1981) é possível destacar, entre outras, três dimensões da SEP:

Exaustão emocional: sensação de esgotamento tanto físico quanto mental, sentimento de não dispor de energia para absolutamente nada.

Despersonalização: alteração da personalidade do indivíduo, levando o professor ao desenvolvimento de atitudes negativas, cínicas e insensíveis frente aos alunos e colegas de trabalho;

Falta de realização pessoal no trabalho: tendência em avaliar o próprio trabalho de forma negativa. As pessoas se sentem infelizes e insatisfeitas, consigo mesmas e com seu desenvolvimento profissional.

No coletivo docente dos professores de Educação Física, as características do trabalho parecem ser os principais elementos que favorecem o desenvolvimento da SEP. O professor se envolve afetivamente com os seus alunos, se desgasta e, num extremo, não agüenta mais e “desiste”. Embora exista um consenso na literatura internacional de que a SEP é uma resposta ao estresse laboral crônico, essa resposta não deve ser confundida com estresse, pois estresse, segundo CODO e VASQUES-MENEZES (1999), é um esgotamento pessoal com interferência na vida do indivíduo, e não necessariamente na sua relação com o trabalho.

Discutindo a tênue diferença entre estresse e a SEP, EROSA (2000) enfatiza que o estresse é um fato habitual em nossas vidas e a SEP, não. Nessa linha de argumentação, FARBER (1984) afirma que o estresse tem efeitos positivos e negativos para a vida, enquanto a SEP é sempre negativa. Nesse sentido, as diferenças entre estresse e SEP, segundo CORSI (2002), estão no fato de que o estresse pode desaparecer após um período adequado de descanso e repouso, enquanto que a SEP não regride com as férias e nem com outras formas de descanso.

É necessário, portanto, refletir sobre o fato de a SEP estar intimamente relacionada a outros conceitos já existentes, e é difícil estabelecer diferenças claras entre eles, como acontece com o estresse. Segundo GALLEGO e RIOS (1991) há muitas conexões entre um conceito e o outro. A única diferença (mais aparente do que real) é que a SEP é um estresse crônico experimentado num contexto de trabalho.

Embora, com o passar do tempo, apareçam reações no organismo, características dessa síndrome, FRANÇA (1987) constata que o indivíduo geralmente se recusa a acreditar que esteja acontecendo algo errado com ele. Inicialmente, há uma sensação de mal-estar físico

ou psicológico e um prolongado nível de tensão. ALVAREZ, BLANCO, AGUADO, RUIZ, CABACO, SÁNCHEZ, ALONSO e BERNABÉ (1993) destacam, ainda, que não é possível determinar, com exatidão, a origem da SEP, sua seqüência ou as correlações das diferentes fases implicadas no seu desenvolvimento.

Na literatura já existe um inventário de reações provocadas no organismo associadas à síndrome. Os autores FRANÇA (1987), GALLEGO e RIOS (1991), ODORIZZI (1995), MASLACH e LEITER (1997), ALUJA (1997), GATTO (2000) e BENEVIDES-PEREIRA (2002) agrupam essas reações basicamente em quatro categorias:

Físicas: fadiga constante e progressiva; insônia; dores musculares; enxaquecas; perturbações gastrintestinais; transtornos cardiovasculares; distúrbios do sistema respiratório; disfunções sexuais; alterações menstruais nas mulheres.

Comportamentais: irritabilidade; incremento da agressividade; incapacidade de relaxar; dificuldade na aceitação de mudanças; perda da iniciativa; aumento do consumo de substâncias; comportamento de alto risco; suicídio.

Psíquicas: falta de atenção e concentração; alterações de memória; sentimento de solidão; impaciência; baixa auto-estima; desânimo, depressão.

Defensivas: tendência ao isolamento; sentimento de onipotência; perda do interesse pelo trabalho (ou até pelo lazer); absentéismo; ironia, cinismo.

É importante ressaltar que uma pessoa com a síndrome não apresenta, necessariamente, todas essas reações. O grau, o tipo e o número de manifestações apresentadas dependerão da configuração de fatores individuais, fatores ambientais e da etapa em que o sujeito se encontra no processo de desenvolvimento da síndrome. BENEVIDES-PEREIRA (2002) lembra, também, que várias dessas reações são características dos estados de estresse, no entanto, os que se referem aos distúrbios defensivos são mais freqüentemente apresentados nos processos de esgotamento profissional.

Assim sendo, considerando a revisão de literatura pretende-se responder a seguinte questão: De que modo os professores de educação física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre “abandonam” o trabalho docente e que elementos são mais significativos nesse processo?

Decisões metodológicas

Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo, desenvolvida mediante pesquisa descritiva exploratória, em que se busca compreender os fenômenos nas suas origens e na perspectiva dos professores. SILVA (1996) ressalta que descrever, explicar, interpretar e compreender os variados elementos da experiência e como ela é vivida pelo sujeito investigado, caracteriza e fundamenta o caminho pretendido, através da generalização naturalista dos dados.

Procedimentos para coleta de informações

Para alcançar o objetivo desta etapa da pesquisa foram utilizadas três técnicas de coleta de informações: a análise de documentos, a entrevista semi-estruturada, e o diário de campo.

A análise de documentos foi utilizada para identificar os professores colaboradores que entraram em licença médica. Mediante esse procedimento analítico foi possível constituir a população a ser estudada e o grupo de professores colaboradores. Os documentos constituíram-se, também, em uma fonte poderosa da qual puderam ser retiradas evidências que fundamentam as questões para a entrevista semi-estruturada e declarações do pesquisador.

Optou-se pela entrevista semi-estruturada, com base nas afirmações de NEGRINE (1999), o qual salienta que a entrevista semi-estruturada permite que, por meio do diálogo e de sua flexibilidade, apareçam contribuições do participante a partir das quais novas questões podem ser formuladas, de modo a se estabelecer uma visão mais ampla do problema em estudo.

Por fim, utilizou-se o diário de campo, no qual o pesquisador registra todas as informações, desde a negociação de entrada, passando pelas primeiras sensações do contato com os colaboradores, até as peculiaridades e curiosidades do ambiente estudado. Essas anotações refletem as manifestações verbais, ações, atitudes que o pesquisador observa no campo. Esse procedimento também foi importante para organizar a pauta da entrevista semi-estruturada e objetivar o problema de pesquisa.

A investigação ocorreu em dois momentos distintos: o primeiro, mediante estudo preliminar, em que se pode trabalhar, de maneira prática com os instrumentos selecionados para a coleta de informações. O objetivo, nessa fase, foi verificar possíveis problemas que poderiam afetar a entrevista e observar se as questões expostas aos professores respondiam às questões da

investigação. Optou-se por realizar o estudo preliminar com quatro professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, sendo que dois deles atuam diretamente com alunos em escolas da Capital e outros dois exercem funções burocráticas. Esse procedimento ocorreu no período letivo de outubro a dezembro de 2002.

O segundo momento foi o estudo propriamente dito, em que alguns procedimentos foram delineados, a fim de se obter melhor operacionalização e estruturação.

Com a autorização do Secretário Municipal de Educação de Porto Alegre obteve-se, junto à Secretaria, os dados preliminares: número de professores de Educação Física da rede municipal, nomes, números de matrícula, local e ano de formação, ano de ingresso na rede, escolas onde estão lotados e o endereço. Também com o consentimento do Secretário Municipal de Saúde foi possível a obtenção dos nomes de professores de Educação Física colaboradores do estudo junto ao COPAST (Coordenadoria do Programa de Atenção à Saúde do Trabalhador) - Órgão da Secretaria Municipal da Saúde.

Para a compreensão do processo de “abandono” do trabalho docente pelos professores de Educação Física das escolas municipais de Porto Alegre optou-se, como fator de inclusão no estudo e escolha dos colaboradores, pelo seguinte critério: Professores que entraram em licença-saúde

de janeiro do ano 2000 a junho de 2002, por motivos de ansiedade, estresse, depressão e esgotamento, sintomas classificados na categoria “F” pelo CID (Código Internacional de Doenças) e diagnosticados pelo médico responsável pelo setor de Biometria Municipal.

Assim, num total de 167 licenças médicas concedidas aos professores de Educação Física, no período pesquisado, foram selecionados todos os professores de ambos os sexos enquadrados na categoria “F”, descrita acima, perfazendo um total de 15 docentes.

O período de entrevistas abrangeu novembro de 2002 a abril de 2003. Destaca-se que esses professores foram convidados para colaborar na investigação depois de findar o período de licença médica e seu retorno ao local de trabalho.

Prestados os esclarecimentos necessários sobre os objetivos e finalidades da pesquisa que constam em um “Termo de Consentimento”, assinado por pesquisador e colaborador, partiu-se para as questões da entrevista propriamente ditas. Todas as entrevistas foram gravadas e os conteúdos transcritos na íntegra, sempre no mesmo dia da gravação. Foram gastas, aproximadamente, 13 horas nas entrevistas e cerca de 72 horas para suas transcrições. O conteúdo das entrevistas foi devolvido aos entrevistados para que pudessem ler e, caso necessário, acrescentar ou modificar considerações pertinentes ao tema tratado.

Análise e interpretação das informações

Do mesmo modo com que o sujeito se constrói professor de Educação Física, ele deixa de ser professor. É um processo contínuo, conforme se pode constatar nas experiências relatadas pelos professores, isto é, um processo tecido ao longo de sua vida profissional. Neste estudo, os resultados analisados e interpretados apontaram elementos significativos na compreensão do processo de “abandono” da carreira docente e revelaram estratégias defensivas utilizadas por aqueles professores de Educação Física que abrem mão de seu compromisso ético, político, pedagógico-profissional de ensinar, porém continuam no emprego, imobilizados, ou por falta de opção ou por certo conformismo vinculado a sua estratégia de sobrevivência no sistema.

A escolha da profissão

Embora a identidade profissional do sujeito sofra influências dos aspectos socioeconômicos e políticos

de um país, observa-se que relações interpessoais importantes no convívio social podem negar ou reforçar as características básicas de sua identidade profissional. O fato de ingressar em uma Universidade nem sempre é resultado de uma opção voluntária. Escolher uma profissão não é fácil. A tomada de decisão é sempre cercada de dúvidas, emoções e influências.

Constata-se que, para a grande maioria dos professores entrevistados a falta de uma orientação profissional adequada durante o período escolar os levou a experimentar os mais diversos cursos e somente então optar com mais segurança. Um aspecto a ser considerado é o modo pelo qual a opção pela Educação Física ocorreu.

As dificuldades da escolha profissional podem ser observadas no depoimento da professora Flora.

Na realidade a Educação Física foi a terceira faculdade. A primeira foi Sociologia, Enfermagem e depois Educação Física. (Flora - 13 anos de magistério).

Embora os professores estivessem sob influências externas na hora da escolha profissional (por exemplo: da família), a grande maioria não aspirava ser professor de Educação Física. São ex-atletas ou pessoas que já tinham contato com a área esportiva e que, quando confrontados com a decisão de escolher uma profissão, optaram por uma que já lhes era familiar, a Educação Física, reduzindo, assim, as incertezas.

Sabendo-se que, caso a escolha profissional não tenha sido consciente e coerente com os interesses pessoais, a profissão poderá ser exercida com pouca motivação e, ao longo do percurso profissional, poderão surgir situações de desconforto e frustrações que poderão paralisar e deprimir o professor, trazendo-lhe inúmeras implicações pessoais e sociais. Os resultados apontaram que, para a grande maioria dos professores entrevistados, mesmo não havendo convicção na hora da escolha profissional, foi possível, após seu ingresso no curso, desenvolverem competências específicas para o desempenho que o trabalho exige, caracterizando, assim, com o passar do tempo, o desenvolvimento do processo de identidade com o curso escolhido.

Ficou evidente, portanto, na triangulação das informações obtidas, que a questão da escolha profissional, mesmo cercada de dúvidas e incertezas, não pode ser considerada um fator significativo que influencie diretamente no processo de desenvolvimento da Síndrome do Esgotamento Profissional.

As limitações da formação acadêmica

Em relação à formação acadêmica recebida, os professores, sem exceção, em seus relatos, criticaram o fato de o curso não preparar adequadamente o futuro professor para o trabalho em escolas públicas, mas, sim, para outro tipo de clientela. Muito embora tenham se graduado em épocas distintas e por diferentes instituições de ensino superior, dois fatores significativos emergiram nos depoimentos: a relação teoria-prática e o período de estágio.

Nos depoimentos, percebeu-se que os professores tiveram uma formação fragmentada e preocupada com a prática em detrimento da teoria. Deixam claro, também, o fato de que a formação inicial tem grande influência na prática pedagógica, porém não prepara o profissional para enfrentar os desafios da prática docente na escola. Criticaram, insistentemente, a formação inicial, apontando a falta de preparo do futuro professor para o contexto escolar.

Embora se constatando que grande parte das disciplinas ministradas davam sustentação para o

ingresso no mercado de trabalho, o curso em si oferece poucas soluções para um trabalho mais direcionado ao âmbito escolar público. Segundo a professora Marta,

a gente foi muito pouco preparada para dar aula lá fora. Na rua a gente tem que dar com a cara no poste. (Marta - 25 anos de magistério).

Além disso, pode-se observar outro tipo de crítica à formação inicial por parte dos professores. Nas licenciaturas que realizaram, dizem que houve ênfase na formação técnica e esportivizada, fato que estaria em desalinhamento com a prática demandada pela escola pública.

Para o conjunto de professores estudado, o estágio curricular é fator importante na formação inicial, talvez, um dos únicos momentos de integração da licenciatura com a realidade dos sistemas escolares. Os professores acreditam que o estágio é de importância primordial na formação do professor por ser um espaço intermediário entre o mundo da prática e o mundo acadêmico e lastimam sua inserção apenas no final do curso.

Alguns professores entrevistados atribuem ao estágio vivenciado na graduação toda uma problemática na condição de atuação do professor de Educação Física. Segundo eles, a insegurança para enfrentar as dificuldades que a realidade escolar apresenta, de modo constante, não foram amenizadas no período de estágio, pois, a abordagem da relação teórico-prática na Universidade esteve muito deslocada da prática cotidiana vivenciada nas escolas públicas.

A teoria, excelente. O estágio é uma clientela totalmente diferente. Tu chega lá na periferia é outra realidade. (Jane - 21 anos de magistério).

É possível perceber que a carência de formação pedagógica dos futuros professores durante sua formação inicial, no estágio supervisionado e no início da carreira docente influencia significativamente a percepção de seus resultados profissionais. Ressaltam que a formação recebida foi excessivamente insuficiente e afastada da prática escolar com pouco valor e utilidade para o trabalho em escola pública e que somente com o trabalho cotidiano nas escolas é que realmente aprenderam algo.

Essas dificuldades enfrentadas pelos futuros professores nos cursos de formação inicial e permanente produzem grande desgaste. Transferir dificuldade ao transferir o conhecimento teórico para a prática do dia-a-dia, torna-se um problema porque destitui o professor de um suporte técnico e emocional para a prevenção, segundo eles, do “choque com a realidade”.

Esse fato acarreta aos professores situações de insegurança, despreparo, gerando uma fonte de tensão com a realidade não-idealizada, levando-os, durante seus percursos profissionais, a “*correrem atrás do tempo perdido*”, ou seja, buscar o conhecimento que lhes faltou na formação inicial. Com isso, comprometem a qualidade do trabalho fazendo com que surjam, com o passar do tempo, sintomas de estresse físico e emocional e, em muitos casos, estados depressivos que, dependendo do grau e severidade, podem deixá-los propensos a experimentar a Síndrome do Esgotamento Profissional.

As condições de trabalho do professor de Educação Física

Os professores colaboradores deste estudo apontaram como “*positivos e significativos*” alguns elementos referentes à organização do seu trabalho e ao conteúdo programático da escola organizada por ciclos de formação. Considerando-se a dimensão subjetiva da vivência do trabalho, também foram evidenciadas “*experiências e sentimentos negativos*” nos relatos dos professores de Educação Física. As situações decorrentes do trabalho cotidiano lhes comprometem a saúde física e mental.

Acredita-se que identificar e compreender essas diferenças são atividades necessárias, pois o trabalho docente pautado na proposta político-pedagógica implantada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre pode favorecer ou não vivências estimulantes ou inibidoras de esgotamento profissional no trabalho mais do que as condições de trabalho propriamente ditas.

Entre as medidas adotadas pela administração educacional da cidade de Porto Alegre, consideradas pelos professores como “*pontos positivos do trabalho docente*”, destacam-se: a padronização da idade cronológica de acordo com os ciclos de formação, a qual, segundo os professores entrevistados, proporciona melhor relação pedagógica com os alunos nas aulas de Educação Física; a qualidade do tempo de trabalho, através de horas destinadas a reuniões pedagógicas e ao crescimento profissional do professor. Os professores sublinham que permanecer mais tempo fora da sala de aula lhes proporciona melhores condições de desenvolvimento pedagógico específico. Por fim, aparece a questão salarial e os professores enfatizam que a seriedade da política salarial implantada pelo governo municipal demonstra a tentativa de lhes oferecer condições mínimas apropriadas para a realização do trabalho profissional e lhes possibilita fazer projeções e gerar

expectativas positivas de vida quanto a uma aposentadoria digna ao final da carreira docente.

O enfoque dado pelos professores à política salarial surpreendeu, pois se contrapõe aos resultados de investigações realizadas em outros países (ESTEVE, 1994), onde a questão salarial é apontada como o elemento mais significativo de estresse e insatisfação que poderiam levar ao abandono da carreira docente dos professores. Neste estudo, todos os professores envolvidos na pesquisa não consideram a questão salarial uma das causas de seu esgotamento. Ao contrário, revelaram que na política salarial adotada pelo governo municipal a remuneração percebida na ativa e a projeção para o final de carreira (aposentadoria) agem como forma de motivação, gratificação e satisfação pelo trabalho realizado nas escolas.

O professor Roque sintetiza a opinião da grande maioria dos professores colaboradores deste estudo.

A questão salarial é um ponto fundamental. Na prefeitura, hoje se ganha muito bem. Se juntar tudo, sai para aposentadoria muito bem. Então o que se vê é que os professores estão valorizados financeiramente. (Roque - 25 anos de magistério).

Desta forma, crê-se que o plano de salários adotados pela política educacional é uma tentativa de facultar ao professor condições apropriadas para a realização profissional, minimizando possíveis fatores estressores que venham a comprometer o seu trabalho cotidiano.

Por outro lado, ao se examinar os fatores negativos do trabalho docente realizado pelo conjunto de professores estudado, percebe-se que afloram sentimentos e atitudes de insegurança, insatisfação, preocupação, pânico, violência, tensão, decepção, desgaste emocional, esgotamento e estresse. Acredita-se que este fato evidencia um comprometimento da saúde física e mental do professor de Educação Física. Utilizando a fala dos professores, denomina-se, aqui, “*fatores de risco*” os aspectos que comprometem a ação do professor durante suas atividades de ensino.

Ao iniciar esse processo é necessário analisar o modo com que o modelo de ensino (escolas por ciclos de formação) foi implantado nas escolas municipais de Porto Alegre e como essa mudança repercutiu junto aos professores de Educação Física.

Inicialmente, percebem-se sentimentos de insatisfação e revolta quanto à forma de implantação dos ciclos de formação. Na visão da grande maioria dos professores entrevistados, os procedimentos utilizados pela Prefeitura Municipal caracterizaram-se

pela falta de discussão com a comunidade escolar e pelo desrespeito às posições político-pedagógicas existentes em cada escola. A falta de transparência e o caráter impositivo na implementação dos ciclos de formação dissonantes do discurso democrático enfatizado no projeto político-pedagógico da administração municipal acabaram incidindo sobre a ação docente dos professores, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções de caráter negativo em sua prática cotidiana, causando-lhes insatisfação, desgaste, angústia e decepção. Os professores Roque e Angélica comentam que,

ao invés de discutir os ciclos, houve uma puxada e caiu nesse processo de ciclos imposto goela abaixo. (Roque - 25 anos de magistério).

Foi completamente imposto. Essa escola aqui, os ciclos foram impostos pela Smed com dois “nãos” de toda a comunidade escolar. Dois plebiscitos com a resposta “não”. (Angélica - 21 anos de magistério).

Assim, a forma com que se instituiu o ensino organizado por ciclos de formação nas escolas constituiu-se em fonte de estresse relacionado ao trabalho do professor municipal. Deve-se observar, contudo, que esse aspecto relatado pelos professores não é suficiente para constatar que o trabalho do professor sob essa forma de organizar o ensino gere problemas de esgotamento profissional.

A sobrecarga de trabalho e a multiplicidade de papéis

Para BENEVIDES-PEREIRA (2002), a sobrecarga de trabalho dos professores de Educação Física se constitui em uma das variáveis fundamentais predisponentes ao esgotamento profissional. O trabalho do professor continua, muitas vezes, fora da sala de aula, e nem por isso há uma compensação financeira ou mesmo o reconhecimento social merecido. Desta forma, tem-se claro que as características do ambiente de trabalho podem desencadear um tipo de sofrimento mental.

Outro aspecto relevante diz respeito à multiplicidade de papéis que os professores exercem no contexto das escolas municipais do Porto Alegre, por exemplo, de pai, de substituto de professor de outra disciplina, de médico, de orientador psicológico ou, até mesmo, de policial, devido à violência e à insegurança encontrada dentro e fora do contexto escolar. Além de ministrar as aulas propriamente ditas, os professores exercem outras funções na escola. Segundo a professora Flora,

eu passei mais de seis meses, em vez de dar aula, separando brigas de crianças. Eu levando soco e pontapés, foi muito difícil. Eu fiz concurso para ser professora de escola e o meu papel era de polícia. Foi um estresse muito grande. (Flora - 13 anos de magistério).

Esse tipo de situação cria um campo de tensão para os professores, fazendo com que se questionem sobre os fundamentos de sua atividade. Embora não acreditem que esse seja seu papel, há uma perda de vínculo afetivo-emocional com o aluno. Além disso, esses aspectos, vinculados ao excesso de atribuições, provocam importantes conseqüências aos professores, pois, perante a necessidade de dar conta das tarefas imediatas, inviabilizam as possibilidades de desenvolver seu trabalho docente: dar boas aulas.

Assim, a sobrecarga advinda dessa multiplicidade de funções, a quantidade de turmas, o número de alunos a atender, o número de horas dedicadas à prática docente ou, até mesmo, a falta de tempo para a qualificação desejada, podem ser considerados fatores estressores importantes, principalmente quando acarretam prejuízo à qualidade de vida desses professores. Crê-se que esses dois fatores são variáveis fundamentais predisponentes ao esgotamento profissional. O resultado passa a ser a desorganização do cotidiano que, por sua vez, incide no aumento de sintomas vinculados à Síndrome do Esgotamento Profissional.

A estrutura das escolas e a Educação Física como “aula-pública”

Embora se perceba nas escolas da rede municipal boa estrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, os professores questionaram a falta de organização do espaço físico e as precárias condições materiais oferecidas pelas escolas para a prática da Educação Física.

A crítica mais acentuada dos professores em relação à estrutura organizacional das escolas diz respeito à falta de espaços fechados para a prática da Educação Física. Nas precárias condições de trabalho oferecidas, o professor vê-se abrigado a trabalhar sob constantes variações climáticas em um mesmo turno de trabalho. As professoras Angélica e Nilse enfatizam:

Sete e meia da manhã tu dá aula na rua, num sereno que tu não enxerga os alunos, e as onze da manhã, tu tá com um sol na cabeça. (Angélica - 21 anos de magistério).

Eu tive problemas sérios de cordas vocais. Levantava-me pela manhã e dizia: Ah, meu Deus tem

que ir de novo trabalhar, gritar. Relutava em levantar da cama. (Nilse - 24 anos de magistério).

As aulas de Educação Física, por serem ministradas em quadra ou espaços descobertos, são um fator incômodo para esses professores, uma vez que as aulas, em determinadas épocas do ano, acontecem em horários em que as condições climáticas não são as melhores. Acrescente-se a isso o espaço físico que, por ser insuficiente para o número de alunos que atuam durante o mesmo período de aula, estimula a desordem e as atitudes agressivas e incontroladas por parte dos alunos durante as aulas, acarretando preocupação e desgaste pessoal nos professores que não podem executar um trabalho com a qualidade desejada. Em consequência, surgem sintomas físicos (dores de cabeça, sinusite e problemas nas cordas vocais) e emocionais que refletem diretamente na saúde do professor, comprometendo seu trabalho, diminuindo as fontes de satisfação e motivação para um trabalho eficaz.

No conjunto dos professores colaboradores desse estudo alguns deles comentaram que o fato de as aulas serem ministradas em espaço aberto e, portanto, sujeito a avaliações de colegas, alunos, pais, funcionários, também gera desconforto e desgaste, influenciando seu desempenho nas aulas.

A posição desses professores em relação a esse aspecto pode ser sintetizada no depoimento da professora Angélica:

Nós, da educação física, não temos porta para fechar e todo mundo vê nosso trabalho. É uma aula pública, que só não vê quem não quer. (Angélica - 21 anos de magistério).

Esse fato torna-se um elemento significativo para a compreensão do fenômeno em estudo, pois o receio de ser mal avaliado, seja por alunos, colegas, pais, ou pelos superiores é uma preocupação presente no cotidiano do professor. A aula se torna "pública", o que faz com que haja dificuldade de lidar com as críticas.

Os fatores sociais

A esse respeito, o trabalho de campo demonstrou que, para a grande maioria dos professores entrevistados, os fatores sociais - violência, medo e insegurança - aparecem de modo significativo dentro do processo de desgaste e esgotamento emocional nos professores. Os professores das escolas públicas municipais tornam-se vítimas da violência, de ameaças e não são raras as agressões físicas entre os alunos e aos próprios professores. Esses fatos levam o professor a uma reorganização de seu planejamento a fim de cumprir suas metas

materializando, assim, novas fontes de insatisfação, estresse e exaustão emocional.

Exemplo dessa situação pode ser observado no relato da professora Elenise:

Eu tinha que dividir o espaço com a marginalidade, a droga, a violência. De repente, a auto-estima fica abalada. A questão do medo, da insegurança e aí eu já perdia aquele norte que não valia a pena fazer aquele trabalho. (Elenise - 35 anos de magistério).

Assim, o enfrentamento desse cotidiano escolar leva os professores a refletirem sobre o valor de seu próprio trabalho. Eles revelam um quadro de medo, ansiedade e insegurança no ambiente de trabalho que, ao fazer parte do seu cotidiano, conduz os professores, em estados mais graves, à depressão, comprometendo sua função educativa.

As relações interpessoais

Um outro fator de "desgaste" apontado pelos professores também pode ser observado através do relacionamento com os colegas de trabalho (professores, direção, funcionários, etc.). Como característica do trabalho, essa variável, segundo BENEVIDES-PEREIRA (2002), é apontada como um dos fatores estressores passíveis de dar início à Síndrome do Esgotamento Profissional.

Nesse sentido, a professora Janaína sublinha:

A educação física lá é assim, chimarrão, joga a bola e fica tomando teu chimarrão sentado. Então, tu fica que nem palhaço e os próprios alunos diziam: olha lá, todo mundo jogando, os professores lá conversando e só a gente aqui fazendo aula. Aquilo ali foi o que mais me estressou. (Janaína - 31 anos de magistério).

Esse aspecto revela o pouco diálogo e discussão entre os professores, tanto da mesma disciplina quanto entre disciplinas diferentes. A avaliação idiosincrática do comportamento dos colegas nas aulas cria um clima negativo nas relações interpessoais no ambiente de trabalho. Surgem, então, situações de constrangimento desses professores frente aos colegas de trabalho e ante os próprios alunos, fato que acentua o estresse emocional. A falta de acompanhamento e apoio político-pedagógico da administração educativa e a indiferença por parte da direção da escola em relação ao trabalho do professor, na perspectiva desses professores, também se constituem uma das potenciais fontes de estresse dos professores.

Como se constatou nessa seção, existem fatores de risco que os professores experimentam no contexto

do trabalho que os leva ao desgaste profissional, ora considerado insignificante, ora despercebido pela comunidade educativa e pelos administradores educacionais. As situações com as quais se obrigam a conviver diariamente se traduzem em um ambiente propício ao conflito e ao desencadeamento de sintomas psicossomáticos, emocionais e comportamentais tornando-os, assim, mais suscetíveis a experimentarem a Síndrome do Esgotamento Profissional.

Conseqüências do trabalho cotidiano na vida do professor de Educação Física

De modo evidente, o mal-estar docente referido na seção anterior traz inúmeras conseqüências do trabalho na vida do professor. Uma delas diz respeito ao confronto entre a realidade idealizada pelo professor e a encontrada no âmbito escolar. Durante o processo de formação inicial, a maior parte dos professores adquire e desenvolve um modelo ajustado a pressupostos idealistas não contrastados com a realidade cotidiana dos centros escolares. Como assinala ESTEVE (1994), os professores que tentam imitar os estereótipos aprendidos durante sua formação inicial correm o risco de passar da idealização inicial à decepção, devido à constante comparação entre as suas reais características e as qualidades do estereótipo ideal.

Muitos professores descobrem, com certa angústia, que o que esperavam encontrar não existe, é diferente. Tal situação aparece na fala da professora Nilse:

Eu entrei em depressão, eu me choquei bastante com a realidade. (Nilse - 24 anos de magistério).

A mesma professora, que já atuou em escolas da rede estadual de ensino por longo tempo, revela, em seu depoimento, que se sente exaurida emocionalmente, devido ao “choque com o real”, ao ambiente escolar e ao desgaste diário ao qual é submetida no relacionamento com seus alunos.

As conseqüências que a realidade cotidiana das escolas municipais causam à saúde dos professores também são marcantes nos relatos de outros professores.

Eu pegava o ônibus e ia chorando para a escola. Comecei a ficar em casa, atirada. Já não queria sair. Eu caí numa depressão tremenda. Eu pegava o ônibus, eu ia chorando. (Ariel - 11 anos de magistério).

Eu cheguei num limite, vou conversar com algum psiquiatra. Aquele estresse começou a influenciar na minha vida pessoal. (Pedro - 25 anos de magistério).

Às vezes, eu saía de casa chorando só de me lembrar que tinha que dar aula. (Janaína - F4).

Era um horror. Tu sabe que tem de ir trabalhar não querendo ir para aquele inferno. Eu voltava de lá arrasada. Eu chegava nos fins de semana, tomava uns “whisky” para esquecer, tudo vinculado ao estresse do trabalho. Tu sozinha, sem apoio de ninguém. Ia trabalhar porque não tinha outro jeito. Era a pior coisa do mundo. (Leila - 22 anos de magistério)

Eu estava com um psicólogo, com um psiquiatra e com medicação. Tive que tomar antidepressivo, não dormia devido à ansiedade, não comia nada e sem vontade de fazer nada. Se pudesse eu parava de respirar. (Ariel - 11 anos de magistério).

No depoimento dos professores, as tensões emocionais acumuladas no trabalho são causadoras do esgotamento de energia e do estado depressivo que os levam a impasses que parecem insolúveis. Desse modo, observa-se que o contato diário com os problemas cotidianos de trabalho é fonte de esgotamento físico e emocional. Não bastasse o efeito que a realidade encontrada causa aos professores, somam-se a esse quadro as reações corporais que repercutem diretamente na saúde física e mental do professor, diminuindo suas fontes de motivação e satisfação para um bom desempenho profissional. Nesses depoimentos, percebe-se que os professores não podem dar mais de si mesmos em nível afetivo. Sua energia e seus recursos emocionais se esgotam devido ao contato diário com problemas, transformando-se em quadros depressivos.

Assim, em grande parte dos professores entrevistados foi possível identificar quadros de exaustão emocional, despersonalização e falta de realização pessoal no trabalho, características associadas diretamente à Síndrome do Esgotamento Profissional.

Em conseqüência, em casos extremos, muitos professores poderão vir a abandonar a própria função docente por causa do desgaste experimentado durante seu ciclo profissional. Porém, muitos podem permanecer, mas trabalhando muito abaixo de seu potencial. Como forma de manter o emprego, o professor vê-se obrigado a adotar mecanismos defensivos, de modo a garantir sua subsistência e a de sua família.

Estratégias defensivas utilizadas pelos professores

Mais do que as conseqüências desses fatores estressantes que configuram a realidade do trabalho, o resultado passa a ser a desorganização do cotidiano do

professor incidindo no aumento de sintomas vinculados à síndrome. Agredidos subjetivamente, os professores de Educação Física tentam reagir de modo adaptativo, visando a obter satisfação e realização pessoal, ou garantir sua subsistência material. Revelam que para suportar esse quadro é necessário buscar estratégias defensivas para suportar e/ou amenizar os conflitos oriundos do trabalho docente. Entre esses recursos pode-se citar:

O absenteísmo

Segundo ESTEVE e VERA (1995), o absenteísmo é caracterizado pelas ausências de curta duração em que o professor não comparece ao trabalho, não justifica a falta, e, no máximo, restringe-se a uma chamada telefônica. Aparece como uma reação frequente para acabar com a tensão que deriva do exercício docente. A atuação na aula se torna mais rígida, o professor procura não se envolver, reduzindo o âmbito dos conteúdos sem buscar relações com o que seus alunos vivem. Tem dificuldades de aceitar situações novas, preferindo manter-se em uma rotina que, aos poucos, vai se tornando mais limitada, ocasionando um comportamento inflexível. Sua capacidade fica prejudicada, tornando seu desempenho moroso e pouco criativo.

Essa estratégia defensiva pode ser observada quando a professora Helga relata:

Às vezes eu tomava café e voltava para cama. Já nem avisava que não ia. E teve várias vezes que eu cheguei até a frente do colégio, não entrava e voltava para casa, tamanha a repulsa. (Helga - 22 anos de magistério).

No relato acima, foi possível perceber que o absenteísmo pode ser de grande utilidade para compensar, neutralizar ou mascarar sua ansiedade, tensão e estresse. Tal estratégia aparece, aqui, como uma forma de buscar “dar um tempo - respirar” permitindo, assim, ao professor escapar momentaneamente das situações estressoras acumuladas em seu trabalho, por sentir-se afetado em sua saúde física e mental. Cabe ressaltar, ainda, que o absenteísmo traz, como última opção, a intenção de abandonar a profissão docente.

Os pedidos de transferência de escola

Outro recurso utilizado pelos professores como forma de amenizar as repercussões psicológicas causadas pelo trabalho é a solicitação de transferência de uma escola para outra. A opção em ficar mais próximo da família, em função das pressões cotidianas

do trabalho, o estresse acumulado na profissão, ou a decepção em relação à clientela a ser atendida faz com que os professores criem um distanciamento de sua atividade, diminuindo seu envolvimento no trabalho e com os problemas cotidianos da escola.

Assim se expressa a professora Flora:

Porque foram dois anos que eu fiquei batalhando transferência. Sempre me inscrevia, assim que tivesse uma vaga na zona norte, próxima a minha casa, porque além da viagem que eu tinha que fazer diariamente era um estresse muito grande. (Flora - 13 anos de magistério).

Essa situação também foi percebida em outros professores colaboradores do estudo. Enquanto os professores aguardam o atendimento a seus pedidos de transferência com o objetivo de se afastarem dos conflitos ocasionados pelo trabalho, “vão levando” sua atividade com uma diminuição gradativa dos vínculos afetivos estabelecidos com a escola, mais precisamente com seus alunos.

Mudar de escola para evitar as situações e os ambientes desagradáveis, ou para obter maior facilidade de locomoção é um mecanismo que oferece a possibilidade de o professor afastar-se de situações que provocam insatisfação e desequilíbrio. Entretanto, LAPO e BUENO (2003) fazem um alerta de que também há a possibilidade de encontrarem outros tipos de dificuldades, talvez até maiores do que as que vinham encontrando. Muitas vezes, a tensão e os conflitos provocados pelas dificuldades e pela insatisfação com o trabalho são adiadas e “não há solução para os problemas, apenas a fuga deles” (p.81). O autor complementa observando que, muitas vezes, ao retornar de licenças médicas, o professor que saiu, esperando que as coisas melhorassem, encontra a mesma situação, o que acaba por gerar insatisfação maior. Esse tipo de situação, além de oferecer uma solução temporária para os conflitos, pode se constituir na primeira etapa do processo de abandono definitivo.

Assim, quando os professores não conseguem se adaptar a situações conflitantes de trabalho, em muitos casos a solução encontrada é uma tendência à acomodação. Essa acomodação pode ser entendida como o distanciamento da atividade docente mediante condutas de indiferença a tudo o que ocorre no ambiente escolar.

A perda do vínculo afetivo

O distanciamento da atividade docente ou algum tipo de inércia, no sentido de buscar inovações e melhorias no ensino, também aparecem. Do ponto

de vista de como o professor convive e percebe a relação professor/aluno em seu cotidiano, faz com que, muitas vezes, tenha que alterar a postura de condução de suas aulas a fim de poder exercer o controle disciplinar sobre os alunos. O professor constrói um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto de trabalho.

Nos relatos abaixo é possível perceber tal situação:

A gente faz umas propostas. Eu pensei cá comigo: vou ter que entrar no jogo deles para poder suportar aquele impacto. (Marta - 25 anos de magistério).

Em muitos momentos acabava dando uma bola para eles para gente não enlouquecer. (Débora - 12 anos de magistério).

Como forma de amenizar seu sofrimento, o professor utiliza estratégias defensivas, muda sua postura: de um professor comprometido com a sua função educativa torna-se um “professor-bola”. Essa “*transformação*” aparece nessa investigação como forma de “aliviar”, de “dar um tempo” - “respirar” - permitindo, assim, que o professor escape momentaneamente das situações estressoras acumuladas em seu trabalho.

Em síntese, foi possível observar neste estudo que os professores de Educação Física se vêem às voltas com situações de trabalho que os “consomem”, que lhes diminuem não apenas o tempo objetivo, mas, também, o tempo subjetivo.

Considerações finais

Sem a pretensão de generalizar os achados dessa investigação e prescrever conclusões definitivas, acredita-se que este estudo provoca reflexões e novos questionamentos a respeito da realidade do cotidiano dos professores de Educação Física, numa dimensão até então “pouco conhecida” pela comunidade investigadora da área de conhecimento Educação Física.

Aspectos individuais associados às condições e relações do trabalho podem propiciar o aparecimento de fatores multidimensionais que, dependendo do grau e severidade, podem levar os professores a experimentar a Síndrome do Esgotamento Profissional. No entanto, é preciso considerar a síndrome como um processo cumulativo e desencadeado por elementos externos à ação do professor no ambiente escolar, cujos efeitos são significativos na qualidade da prática pedagógica e nas predisposições internas do sujeito para o exercício do magistério. Viu-se nessa investigação que os encaminhamentos e possíveis soluções para um conjunto de problemas enfrentados pelos professores de Educação Física nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e nas aulas de Educação Física também estão além de sua esfera de ação. No diálogo com os professores colaboradores foi possível identificar os seguintes problemas:

- a) Formação acadêmica insuficiente para enfrentar o choque com a realidade escolar;
- b) Implantação de inovações e projetos político-pedagógicos que minimizam a participação dos professores como sujeitos;
- c) A multiplicidade de papéis sociais e profissionais exigidos e exercidos pelos professores de Educação Física nas escolas;

- d) Ambiente de violência urbana e insegurança pessoal enfrentado pelos professores;
- e) Conflitos nas relações interpessoais com os colegas de trabalho;
- f) Condições materiais objetivas adversas ao exercício do trabalho com a qualidade desejada pelo sujeito; e,
- g) A dificuldade de lidar, política e epistemologicamente, com críticas dirigidas por diferentes setores da comunidade escolar ao caráter e à contribuição da disciplina no desenvolvimento do currículo escolar.

Destaca-se que os elementos apontados no parágrafo anterior estão organizados no texto para efeitos didáticos, pois a ação e o efeito de cada um não se estabelecem de forma mecânica e com clareza suficiente para definir o que é efeito de um e de outro. Também não foi possível determinar com exatidão as diferentes fases implicadas no desenvolvimento desse fenômeno.

Após análise e interpretação dos resultados obtidos considera-se que, da mesma forma que ser professor de Educação Física é um processo contínuo e cumulativo pelo qual o indivíduo se constrói como professor, o deixar de ser professor, também se mostrou, mediante experiências relatadas pelos professores, um processo contínuo e cumulativo imbricado ao longo de sua vida profissional. Considerando-se a SEP um problema psicossocial e com implicações pedagógicas que afetam os professores de Educação Física, crê-se que, à medida que se entender de que modo surge a Síndrome, como evolui, qual seus efeitos no sujeito-docente e

suas conseqüências na atividade docente, seja possível criar mecanismos que permitam desenvolver serviços de apoio voltados a ações de prevenção.

Lembra-se, também, que, para garantir a saúde e a segurança social é necessário traçar programas de melhoria do ambiente e do clima organizacional, mediante políticas de trabalho eficazes, com o intuito de aumentar a motivação, evitando sentimentos de desilusão, solidão e frustração que tomam conta de muitos professores e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida, gerando respostas positivas à organização educativa e à sociedade. Constatou-se nessa investigação que receber salário digno como é o caso dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre não é suficiente.

Embora não se possam eliminar os fatores de estresse que interferem diretamente na ação do professor, a prevenção pode melhorar as competências dos sujeitos para lidar com tais situações. Prevenir o estresse dos docentes implica, também, reestruturação da gestão educativa em questão, o que o torna a tarefa complexa e de longo prazo. Este é o grande desafio, pois não depende somente de um setor da comunidade educativa, mas, simultaneamente, do professor, da administração pública e da investigação educativa.

Em relação ao professor, é importante que sua formação acadêmica seja adequada ao ambiente escolar, que considere possíveis situações com que venha a confrontar-se nas escolas públicas na periferia das grandes cidades brasileiras, e não o faça "às cegas".

Em relação à administração educacional, acredita-se que um sólido programa de formação permanente e ajuda individual personalizada pode esclarecer os novos professores sobre a realidade, na tentativa de evitar o choque com suas expectativas irreais. Além disso, em termos de políticas públicas,

seria necessário haver: reestruturação dos espaços para a prática da Educação Física, oferecendo melhores condições de estrutura física, principalmente em função das características particulares do clima da região geo-educacional em que trabalham os professores; estabelecimento de objetivos para as ações docentes do professor de Educação Física; revitalização do papel do professor perante a comunidade escolar; qualificação da comunicação entre a disciplina da Educação Física e os outros setores da escola, e o estreitamento das relações interpessoais entre os colegas de trabalho; aproximação entre as atividades de formação permanente da prática cotidiana da escola; estágio supervisionado no contexto da escola.

Embora seja possível estabelecer algumas relações quanto às fontes que lhe dão origem, crê-se que, na Educação Física, esse assunto necessita de aprofundamento porque não se pode afirmar que a Síndrome do Esgotamento Profissional ocorra mais em docentes das áreas de Química, Matemática, Física, Biologia e outras, do que no âmbito da Educação Física e, tampouco, pode-se precisar que o problema seja mais visível nas mulheres do que nos homens.

Características pessoais - idade, sexo, nível educacional, estado civil, filhos, personalidade, motivação; características do próprio trabalho - tempo de profissão, tempo de trabalho na instituição, trabalho por turnos ou noturno, relacionamento com os colegas de trabalho, sobrecarga, satisfação no trabalho, expectativas de desenvolvimento profissional ou, até mesmo, características sociais - suporte social, suporte familiar, a cultura local e o prestígio social poderão auxiliar para que se obtenha dados significativos no processo que vise a identificar se o professor de Educação Física está ou não mais suscetível a experimentar a SEP do que os docentes de outras áreas do ensino.

Abstract

Professional burnout syndrome in physical education teachers: a study in Porto Alegre's municipal school system

The purpose of this manuscript is to comprehend the process of "abandonment" of the teaching career by physical education teachers of Porto Alegre's Municipal School System (PAMSS). The bibliographic review allowed that the expression of that phenomenon was unified as "Professional Burnout Syndrome" (PBS). The central research problem is translated into the following question: How do physical education teachers of Porto Alegre's Municipal School System (PAMSS) "abandon" their teaching job, and which

are the most significant elements in this process? The present research has a qualitative nature and comprehends 15 physical education teachers of PAMSS who, between January 2000 and July 2002, took a medical leave due to stress, anxiety, and depression. We conducted semistructured interviews, kept records on a field diary, and analyzed some documents. The teaching job has showed to these teachers as a professional practice marked by negative feelings that compromise the quality of their job, thus accumulating, as time goes by, physical and emotional reactions. For most collaborate teachers, these accumulated subjective experiences of physical and emotional burnout in their job were translated into feelings of depression and of chronic fatigue, composing an anemic state denominated Professional Burnout Syndrome.

UNITERMS: Teaching career; Professional Burnout Syndrome; Physical Education Teachers.

Referências

- ALUJA, A. Burnout profesional em maestros y su relación con indicadores de salud mental. *Boletín de Psicología*, n.55, p.47-61, 1997.
- ALVAREZ, C.D.; BLANCO, J.M.F.; AGUADO, M.P.Q.; RUIZ, A.S.; CABACO, A.S.; SÁNCHEZ, T.S.; ALONSO, C.V.; BERNABÉ, J.R.Y. Revisión teórica del burnout o desgaste profesional en trabajadores de la docencia. *Cesura*, Canoas, n.2, p.47-65, 1993.
- BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (Org.). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no. 1.339, de 18 de novembro de 1999. Lista de doenças relacionadas ao trabalho. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 nov. 1999. Seção 1, p.21-9.
- CARLOTTO, M.S. Síndrome de “burnout”: um tipo de estresse ocupacional. *Caderno Universitário*, Canoas, n.18, 2001.
- CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.237-54.
- CORSI, J. **El síndrome “burnout”**: síndrome de estrés crónico en profesionales que trabajan en el campo de la violencia familiar. Disponível em: <http://www.fempress.cl/219/revista/219_burnout.htm>. Acesso em: 20 abr. 2002.
- EROSA, M. **El stress**. Disponível em: <<http://www.lucas.simprenet.com/trabajos/stress/.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2000.
- ESTEVE, J.M. **El malestar docente**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1994.
- ESTEVE, J.M.; VERA, J. **Los profesores ante el cambio social**: repercusiones sobre la evolución de la salud de los profesores. Barcelona: Anthropos, 1995.
- FARBER, B.A. Stress and burnout in suburban teachers. *Journal of Educational Research*, Washington, v.77, n.6, p.325-31, 1984.
- FRANÇA, H.H. A síndrome de burnout. *Revista Brasileira de Medicina*, São Paulo, v.44, n.8, p.197-9, 1987.
- FREUDENBERGER, H.J. Staff burnout. *Journal of Social Issues*, New York, v.30, n.1, p.159-65, 1974.
- GALLEGO, A.; RIOS, L.F. El síndrome del “Burnout” o el desgaste profesional (I): revisión de estudios. *Revista da Asociación Española de Neuropsiquiatría*, Madrid, v.11, n.39, p.257-65, 1991.
- GATTO, M.E. **Desgaste psíquico en el equipo de salud**: síndrome de Burnout. Disponível em: <<http://hva.com.ar/psicooncologia/Sindromedeburnout.htm>>. Acesso em: 18 jul. 2000.
- LAPO, F.R.; BUENO, B.O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do Magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.118, p.65-88, 2003.
- MASLACH, C.; JACKSON, S.E. The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, New Jersey, v.2, p.99-113, 1981.
- MASLACH, C.; LEITER, M.P. **The truth about burnout**: how organization cause, personal stress and what to do about it. San Francisco: Jossey-Bass, 1997.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações nas pesquisas qualitativas. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A.N.S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.61-93.
- ODORIZZI, C.M.A. Síndrome de burnout: uma resposta a um estresse crônico. *Revista do Professor*, Porto Alegre, v.11, n.43, p.44-5, 1995.

SANTINI, J. & MOLINA NETO, V.

REMOR, E.A. Professor: uma profissão estressante. **Revista Opinião 2**. Disponível em: <<http://www.sinpro-rs.org.br/extra/mar98/opinio2.htm>>. Acesso em: 18 set. 2002.

SILVA, S.A.P.S. A pesquisa qualitativa em educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.10, n.1, p.87-98, 1996.

ENDEREÇO

Vicente Molina Neto
R. Vasco da Gama, 585/504 - B.Rio Branco
90420-111 - Porto Alegre - RS - BRASIL
e-mail: vicente.neto@ufrgs.br

Recebido para publicação: 15/02/2005

Revisado: 29/11/2005

Aceito: 31/01/2006
